



a natureza me trançou

a história da artista
Maria Eudoxia Mellão

a história da artista Maria Eudoxia Mellão

*A teia de nossa vida é composta de fios
misturados:
de bens e de males.*

Shakespeare

expediente
blablabla



a natureza me trançou

Maria Eudoxia Mellão



FÊNIX REINVENTADA

Da seiva que percorre mundos se alimentam os trabalhos de Maria Eudoxia. Formas aqui reveladas são ovos que simbolizam a origem, mandalas e esculturas que representam o cosmos, espirais que explicitam o tempo.

Reinventando-se na criação de cada nova peça, despe-se das velhas roupagens de sua história como quem rasga a própria carne, imbuída da intuição – muitas vezes não mais do que dessa frágil certeza – de que há algo legítimo e urgente por baixo, chamando por atenção e cuidado. Um cuidado próprio. Rico e sagrado, como demandam as coisas de natureza profunda. Quase como um cego que não percebendo a luz enxerga através e além das coisas, suas peças são estruturas arquetípicas revestidas – melhor dizendo – (re) veladas – de tramas que lhes conferem existência e sentido.

Mistério entre planos arquitetados e ossaturas semivestidas, cheios e vazios, ou como na origem, criados a partir da separação entre luz e trevas. Visão do “Terceiro Olho” que, partindo da forma arquetípica, desde a criação mística das coisas no muito antes, guia as mãos que seguem tecendo, tecendo, até dar consistência ao que não existia.

Epopeia do caos à ordem. Vice-versa, o contrário. Harmonia dinâmica nesse percurso épico.

O que ela realmente estaria buscando? Corporificar a essência, talvez? Cara Maria Eudoxia – minha doce Fênix reinventada – suas peças dizem antes por você. Isso agora já sabemos.

*Gilberto Habib de Oliveira**
jun/2006

* Especialista em museologia e bacharel em Artes Plásticas. Escreveu esse texto para o catálogo xxxxxxxxxx, em junho de 2006.



Quem é essa mulher?

Traduzir Maria Eudoxia Mellão não é tarefa fácil. Ela é múltipla em sua arte. E sua vida segue como um rio, desviando-se de pedras, transformando-se em cachoeira, mudando o trajeto com a leveza com que corre para o mar. O fim do caminho está lá: o mar; mas são tantos atalhos atraentes que desembocar aqui ou ali, embrenhar-se pelos igarapés, descobrir a beleza dos mangues ou mergulhar suave dentro de si mesma resulta em desviar-se do caminho, deixando que a atenção vagueie, de modo a passear pelas mais diferentes formas de expressão. Não se pode dizer que ela se resume a uma artista; foi também empresária, decoradora, cenógrafa, joalheira, escultora, designer de móveis, de moda... E é essa multiplicidade que a faz única: hoje pensa em cantar, retomando sua antiga paixão. Amanhã? Sem dúvida, sua mente curiosa apontará outro afluente para seguir.

Tudo o que cai em suas mãos vira alguma coisa. Ela é capaz de brincar com materiais e texturas tão díspares que só quem tem o olhar privilegiado consegue misturar com sucesso. E também é capaz de elaborar acessórios únicos com pedras, sementes, frutos; de criar esculturas com fios de seda que parecem raízes e de construir móveis e objetos com cascas de árvore, folhas de bananeira, palhas. Isso não é de agora. Desde sempre, ela escolheu materiais até então inusitados para trabalhar. Estava à frente de seu tempo – o artesanato que tramava nos anos 1980, hoje, décadas mais tarde, é cobiçado e aplaudido pelo mundo.

Menina de boa família, no sentido mais arcaico do conceito, cresceu na fazenda, em contato direto com a terra, as árvores, as plantas, os animais – e encantada pela biblioteca da mãe, que lhe abria páginas de sonhos e possibilidades, a ponto de ela querer ir atrás daquilo que lia, de abrir as asas e voar, livre. E foi.

Pioneira em sua época, separou-se do marido, com dois filhos, num tempo em que “não se usava fazer isso”; foi trabalhar (coisa para “moças moderninhas”), assinou projetos de decoração, desenhou móveis e objetos, abriu lojas com um conceito novo para o brasileiro, *stores* que vendiam de tudo: de geleias a presentes, objetos descolados, itens de papelaria, utensílios para casa, enfeites. E que tinham um espaço gourmet para almoços rápidos ou chás da tarde – seria ela a precursora das pequenas lojas de departamentos? Mais uma vez, estaria ela à frente de seu tempo? Tudo leva a crer que sim. Eram outros tempos.

Nas décadas de 1980 e 1990, ela foi um *case*. Tudo o que inventava virava sucesso. Ela era o *must*, estava em todas as principais revistas do país e de fora, suas lojas viviam lotadas, suas criativas vitrines eram aguardadas como as do Natal de Nova York, suas *bijoux* estavam nos editoriais de moda, nos desfiles, nas mãos e pescoços das formadoras de opinião. Ela dava os primeiros passos no universo do que hoje é chamado artesanato de luxo.

Impossível dizer se foi a dificuldade de trabalhar com a inflação nas alturas (entre 1986 e 1994, o Brasil chegou a bater 1.000% de inflação anual), se foi o chamado da artista escondida dentro da empresária ou se foi sua inquietude que a levou para outros caminhos. Fechou a matriz e as sete franquias, mudou-se para Miami, nos Estados Unidos, onde abriu *showroom* e escritório de decoração. Foi ouvindo muitos não, aprendendo com eles e angariando clientes. Aplicou sua criatividade em casas e apartamentos e, quando voltou, o país era outro. Devagarinho, foi reconquistando seu espaço, uma luminária aqui, uma poltrona ali, colares cobiçados...

Extremamente *low-profile* (não era de bom tom alardear as próprias qualidades), seguiu criando sua arte, vendendo aqui e ali, experimentando os afluentes de seu próprio rio e se deixando levar por eles.

Contar, em livro, a história de Maria Eudoxia Mellão não é chegar ao fim do caminho, o mar – há muito que explorar para uma alma curiosa –, mas foi o jeito que ela encontrou de apresentar o passado para o futuro: relembrando os anos em que jovens brasileiros criativos começaram a limpar o mofo da ditadura e confirmando que sempre vale a pena quebrar a casca da proteção, se arriscar e seguir o fluxo de seu próprio rio.

Como não poderia deixar de ser, o caminho para a construção deste livro foi trilhado às avessas. Manteve-se uma obra em aberto durante quase todo o processo, o que permitiu explorar atalhos, olhar por outros ângulos, mudar de rumo. “O que você tem em mente?”, era a frase que eu mais escutava em nossos encontros. “Nada. Estamos em construção”, eu respondia. Falávamos de conceitos abstratos, de geometria sagrada, de física quântica, dos mistérios do céu e da vida. E também de pedras, raízes, fios, sementes e arte. Jogávamos conversa fora, em encontros regados a suco de pitanga colhida na fazenda. De uma palavra, de uma frase, surgia uma ideia, que logo era associada à outra ou desaparecia. E do avesso nasceu este livro (A natureza me trançou e No passado as origens) uma história escrita do hoje para o ontem, com o passado contado em um livro dentro do outro.

Como diz a escritora Virginia Woolf, “cada um tem seu passado fechado em si, tal como um livro que se conhece de cor, livro de que os amigos apenas levam o título”.

Maiá Mendonça







SUPERFICIE SUBTERRANEA

esculturas



Cozinha da casa de Jaguariúna. Em primeiro plano escultura **DIÁLOGO DOS CIPÓS**

Maria Eudoxia anda às voltas com reinventar-se, com um jeito de dividir com os outros o que a vida lhe ensinou. Pensa no lançamento do livro, quer cantar, antiga paixão que a acompanha ao longo da vida— a mãe tem uma linda voz de soprano dramático. E também não consegue escapar das muitas manifestações artísticas que surgem em sua mente. Pode desistir mil vezes, mas vai voltar outras tantas, com novos projetos, acompanhando o tempo ou antecipando o futuro.

Suas inspirações parecem surgir do nada, do imenso inconsciente coletivo que boia acima de todos nós. E basta levantar a mão para colher uma semente. Deve ter sido assim com os grandes pensadores, como o físico e matemático inglês Isaac Newton que de uma simples observação desenvolveu a Teoria da Gravitação Universal. Guardadas as devidas proporções, para Maria Eudoxia os insights surgem da observação da natureza, de cascas de árvores caídas no chão; do impacto da grandeza das raízes de árvores centenárias que engolem o templo de Angkor Wat, no Camboja; de fios de seda que se enrolam, se emaranham e criam as mais diversas formas; de pedras coloridas e tudo o mais para que ela olha e que toca sua imaginação e seu coração. Nada é aleatório no trabalho da artista. Por trás de cada produção, principalmente as esculturas, existe sempre uma base sólida, muita pesquisa, sejam os preceitos da geometria sagrada (proveniente da sequência de Fibonacci, também conhecida como proporção áurea), seja o estudo das ligações entre as proporções e as formas, presentes, grosso modo, em tudo o que existe na natureza.

“SIMPLICIDADE NA MULTIPLICIDADE.”

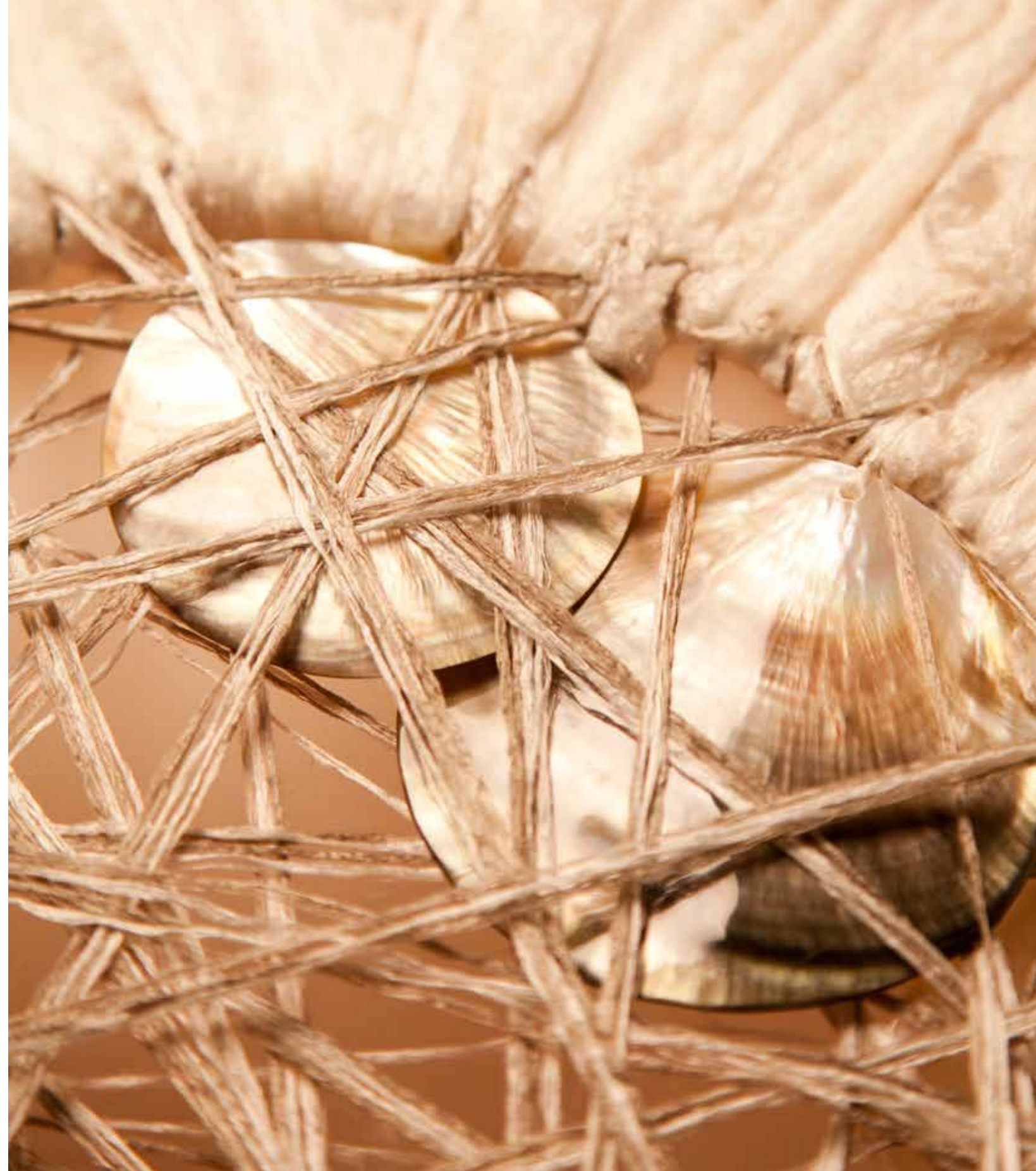
Walter Gropius

Pitágoras de Samos tinha certeza de que o mundo era lógico como a matemática e procurava na natureza números que confirmassem sua teoria. Encontrou o número 4 – quatro luas, quatro estações do ano, quatro elementos (fogo, ar, terra e água), quatro idades do homem (infância, juventude, maturidade e velhice), quatro pontos cardeais, quatro reinos (homem, animal, vegetal e mineral), entre outros –, que na geometria era representado pelo quadrado. Mas como divisar as curvas sinuosas da natureza dentro dessa forma? Mais estudos e o matemático encontrou a espiral contida em um quadrado. A partir de então, essa proporção passou a ser o símbolo da perfeição, seja no ser humano, seja na arquitetura, na pintura, na música. Depois de Pitágoras, muito se estudou sobre o tema, várias teorias surgiram, chegou-se ao número de ouro, ao Homem Vitruviano (conceito criado pelo arquiteto romano Marco Vitruvius Polião), ao phi, à sequência de Fibonacci, à ideia da assinatura de uma criação divina...

ESCULPINDO COM FIOS



Cercada, em seu ateliê, por fios de seda, pedras, sementes, cocos, chifre, cascas de árvore, lápis e papel, Maria Eudoxia, numa espécie de transe, rabisca, constrói, destrói, até encontrar o que busca nas suas emoções mais profundas. Com a ideia já concebida, antes de começar a trabalhar, elabora um desenho técnico para estudar o caminho para o tridimensional – como trabalhar os fios de metal, como montar a trama, como fazer a base. Então, vai misturando materiais, fazendo e desfazendo seus tramados, como uma Penélope moderna que, enquanto tece a tela para o dossel de seu sogro, na espera do amado Ulisses, trabalha as formas que surgem, espontâneas, da composição dos materiais.



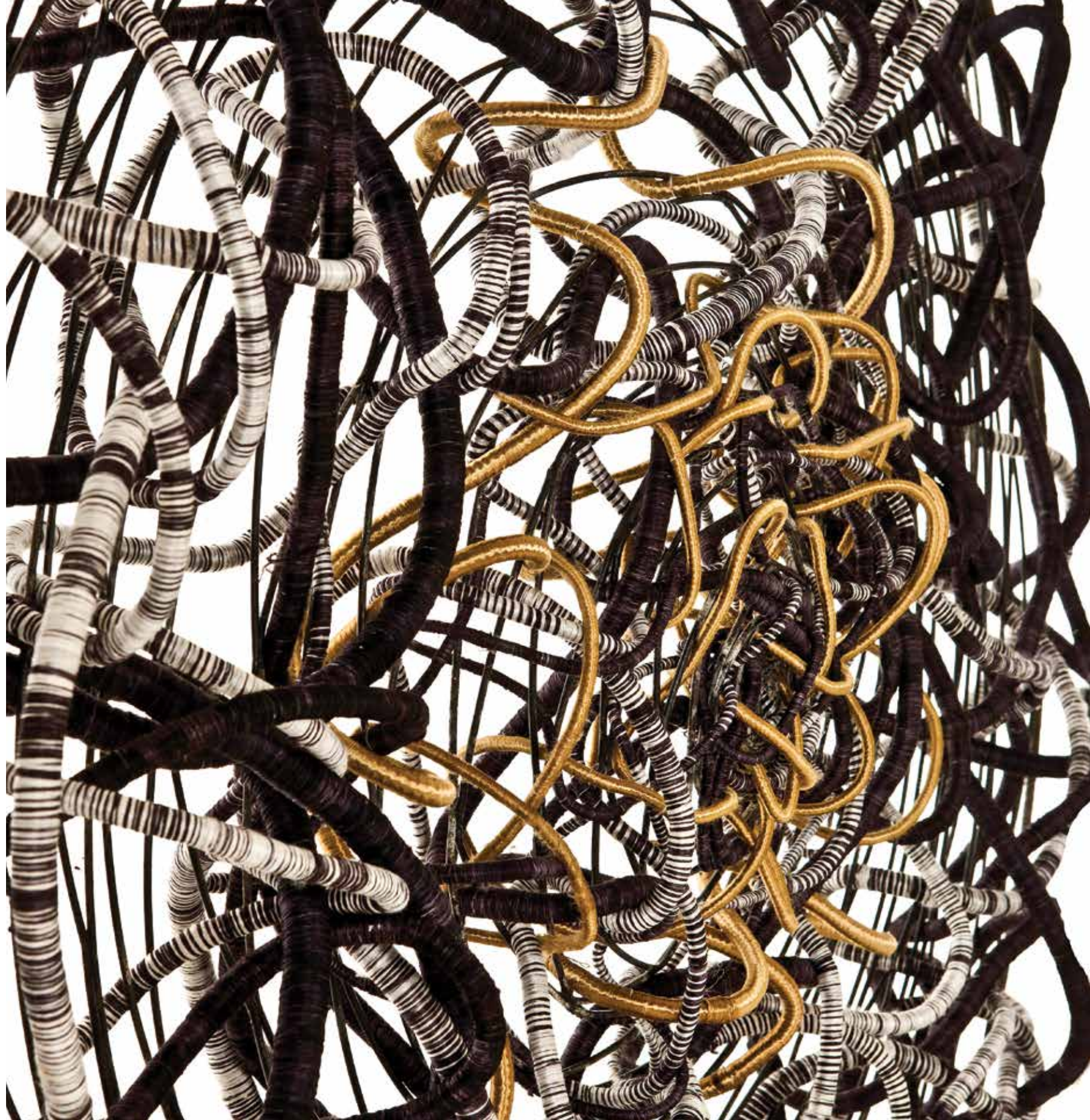
As obras de Maria Eudoxia são enormes em contraponto a sua figura miúda. “Muitas vezes, ao ver aquelas estruturas imensas, acho que não vou conseguir criar as texturas, fazer o tridimensional. Sou muito baixinha e me assusta toda aquela grandeza.” Mas, com a peça apoiada em dois pontos sobre uma mesa, ela resolve o problema.

Medusa, uma das três irmãs Górgonas, tornadas feias pelo ciúme que Atena sentia da beleza delas, depois de se deitar com Poseidon, foi mais uma vez vítima da deusa, que roubou-lhe a imortalidade. Acabou sendo decapitada por Perseu, que usou sua cabeça como arma para afugentar inimigos.

Porém, não foi a cabeça de Medusa nem o poder de transformar em pedra todos que a olhassem que chamou a atenção de Maria Eudoxia para construir Medusa, mas sim as serpentes, traduzidas com fios de seda emaranhados, que remetem à estranha cabeleira.

Inspiração Mitológica

MEDUSA, 2007. Escultura bidimensional, fios de cobre e palha de seda tingida. [FALTAM MEDIDAS] Fez parte de uma coletiva na Galeria de Mali Villas-Bôas, em São Paulo



Planetas, astros e estrelas

Ao observar o céu estrelado em uma noite sem lua, ao estudar os mistérios do universo ou da astrologia, Maria Eudoxia foi atraída pelo brilho de Saturno, o segundo maior planeta do Sistema Solar, batizado com o nome do deus romano dono do tempo. A olho nu, Saturno é apenas um planeta muito brilhante; com a ajuda de um telescópio, é possível admirar toda sua beleza, seus polos achatados, os sete anéis compostos de gelo, poeira e material rochoso. Para a astrologia, ele é o velho sábio que traz a estrutura. O aprendizado que se obtém com o passar do tempo, simbolizado por esse planeta, foi traduzido na escultura Saturno, a única de Maria Eudoxia feita em duas versões: noite e dia – a primeira, azul e roxa, que busca transmitir a crença naquilo que não se enxerga; a segunda, em tons de terracota remetendo à cor da terra. Lúdica, mesmo estando na parede, nela os anéis de Saturno se movem e mudam o aspecto da peça.

SATURNO, [DATA], escultura bidimensional, fios de cobre, com lã de carneiro rústica, palha e fios de seda e pedra. [FALTAM MEDIDAS E FALTA O LOCAL ONDE FOI OU ESTÁ SENDO EXPOSTA]

MOLÉCULA DA VIDA

Na mais pura ciência genética, Maria Eudoxia busca o DNA, a essência. Uma escultura que sobe do chão por quase três metros, replicando as curvas que formam o sequenciamento do genoma do DNA. Para demonstrar que estamos atados ao DNA (como se acreditava no início), a artista usou uma corrente em seu centro, cujos elos significam a cadeia de genes, o composto orgânico que funciona como uma espécie de biblioteca que contém todas as instruções e informações necessárias sobre o desenvolvimento dos seres vivos.

DNA, 2011. Escultura tridimensional, madeira, fios de cobre, palha de seda rústica, lã natural, detalhes de chifre e iluminação interna, 3 m de altura. Foi exibida na Ward-Nasse Gallery, em Nova York, Estados Unidos. Em setembro e dezembro de 2011, ocupou as paredes do Salon de la Société Nationale de Beaux-Arts, no Carrousel do Louvre, em Paris, França.

Energia Vital

Criada em 2008, a escultura *Essência* trata do símbolo universal do nascimento, da criação – o ovo. A união da energia feminina (a gema, o óvulo) e masculina (a clara, o espermatozoide) resulta na totalidade, no *yin-yang*, na essência, no princípio de tudo. Na interpretação da artista, a escultura pode ser colocada em qualquer posição, mas seu ponto de equilíbrio estará, sempre, deslocado do centro, representando a mudança de eixo terrestre que pode acontecer a cada grande abalo sísmico.

Entre 2010 e 2011, dois grandes eventos, no Chile e no Japão, levaram a Nasa a aferir uma alteração no eixo da Terra, que torna os dias 1,26 microssegundo mais curtos.





Espiral Áurea

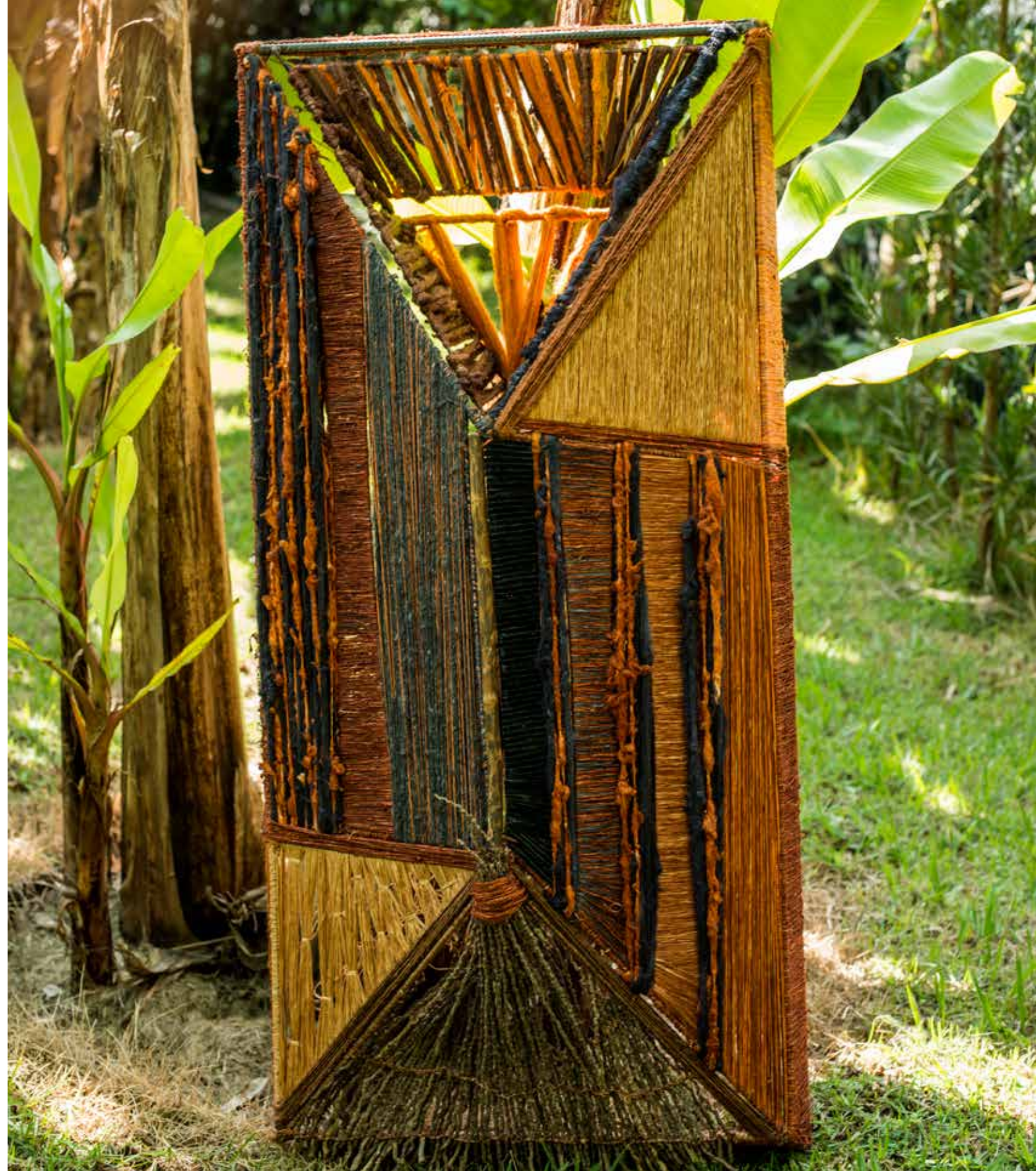
A cabeça voa. A artista pensa nos quatro elementos, no infinito universo, na perfeição da natureza. De uma dessas buscas, surge a escultura Geometria sagrada, sua interpretação da mais tradicional das conchas, a nautilus, cujo desenho natural reproduz com perfeição uma espiral. Por ter tentáculos que saem de seu interior enquanto viva, quando cortada ao meio ela exhibe o interior marcado pelos veios que seguram as pernas e estão presentes dos dois lados. Escamas de peixe alvejadas, palha de seda tramada sobre uma estrutura de metal, recriam o interior da nautilus. O uso da madrepérola, encontrada no interior de algumas conchas e capaz de refletir as cores do arco-íris ao ser atingida pela luz, somado ao translúcido das escamas aplicadas no centro da espiral, cria um belíssimo efeito.

Descoberta no final do século XII por Leonardo Fibonacci, a espiral é uma curva plana que gira infinitamente em torno de um ponto central, partindo de uma sucessão de números. Curiosamente, ela aparece em quase tudo na natureza. Começa com os números zero e um – os mesmos dígitos binários responsáveis pelo funcionamento dos sistemas dos computadores –, sendo que os números seguintes constituem sempre a soma dos dois anteriores. Portanto, depois de 0 e 1, vêm 1, 2, 3, 5, 8, 13...

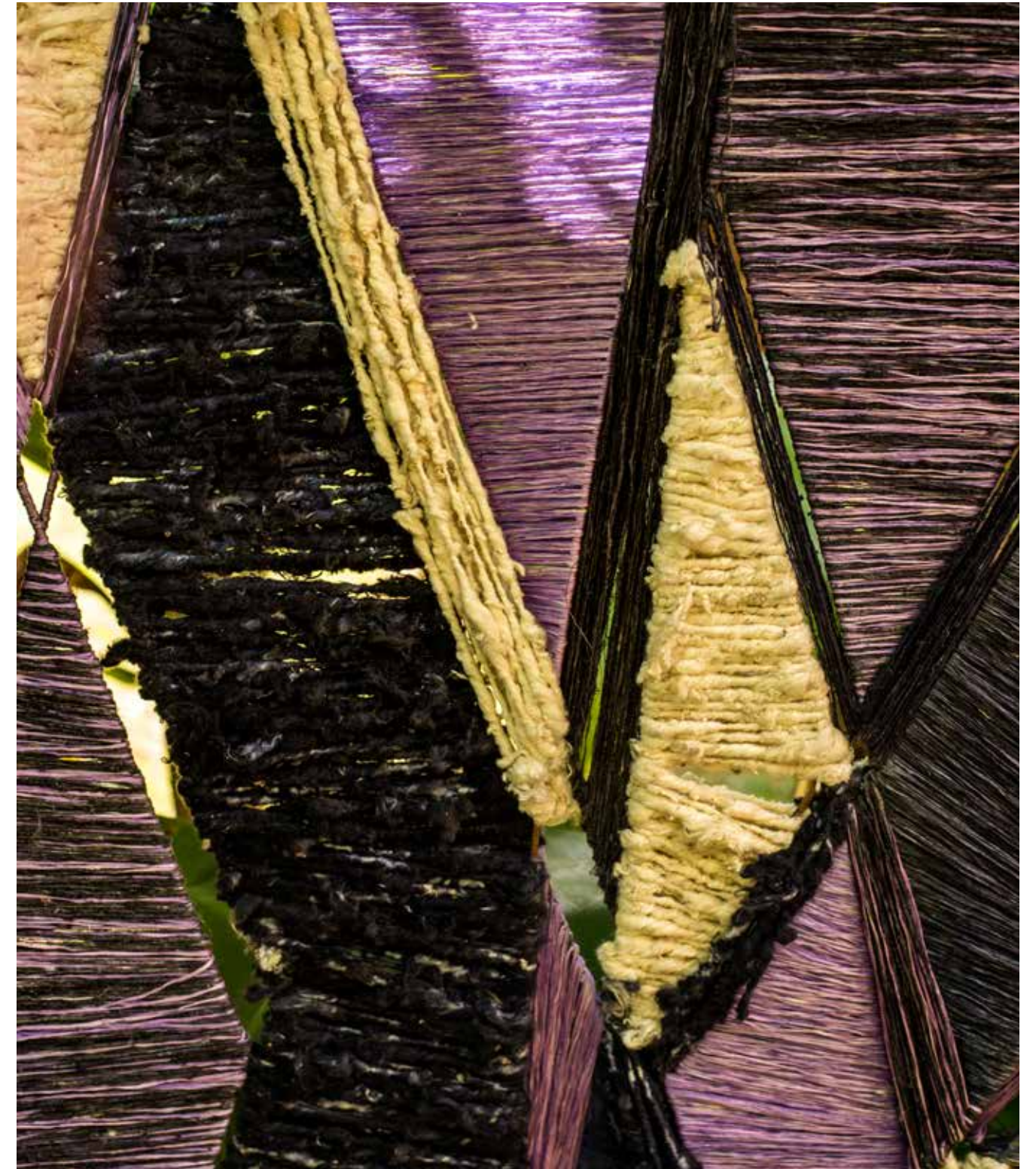
misturando materiais, fazendo e desfazendo seus tramados, como uma Penélope moderna



Esculturas TRIBOS , da esquerda 1,17 cm de altura e 70 cm de largura, da direita 1,12 cm de altura e 55cm de largura

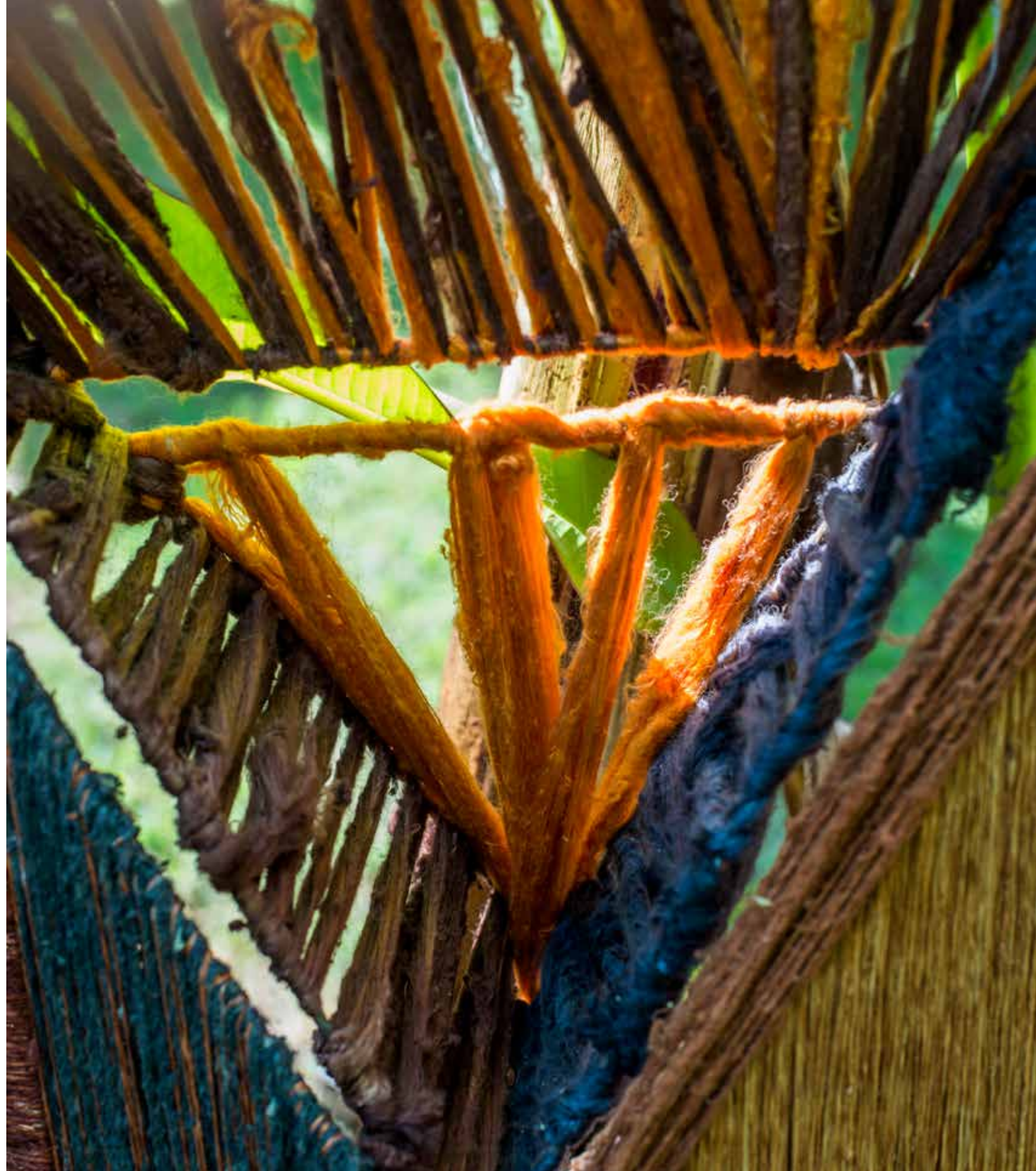


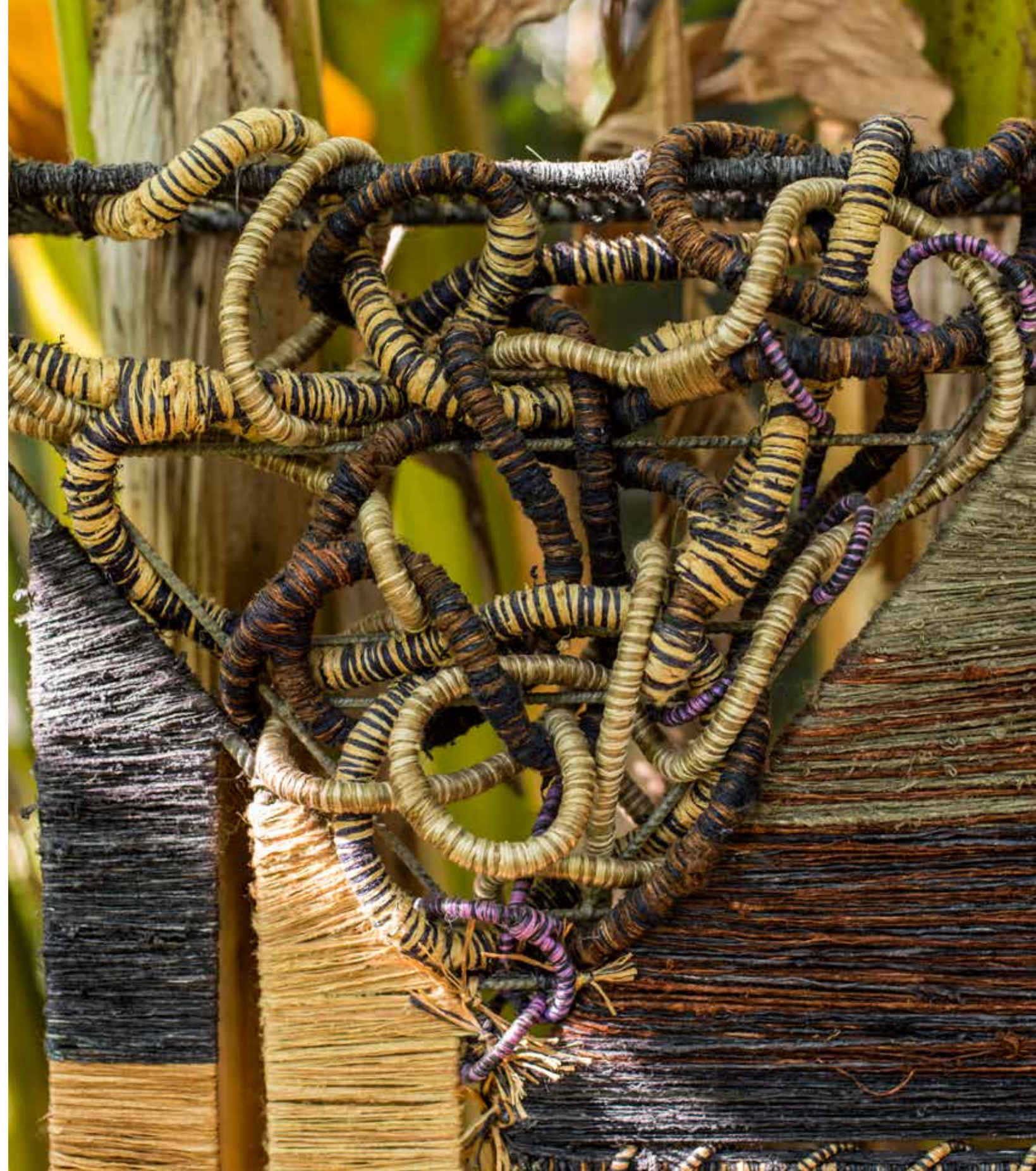
no alto o terceiro olho, na parte de baixo o início de tudo



o conhecimento vindo dos egípcios

*firos de seda que se enrolam, se emaranham
e criam as mais diversas formas*







Quatro Estações



QUATRO ESTAÇÕES, 2011. Escultura tridimensional. Ferro tratado, lã natural, palha e fios de seda, 1,93 m de altura. Exposta no Salon Art Lausanne, no Centre de Congrès et d'Exposition Beaulieu, em Lausanne, na Suíça. largura 1,90 cm e altura 80 cm.

O número quatro da sequência de Fibonacci foi interpretado, na escultura *Quatro estações*, por quatro quadrados, que lembram a terra preparada para o plantio, multiplicados por dois.

Uma forma sinuosa de metal sugere o tempo infinito, aquele que faz o mundo girar, o dia virar noite, a primavera se transformar em verão, o outono em inverno. Terra lavrada em cotas que gerarão frutos, grãos, verduras, num eterno ciclo sem fim.



arte
no corpo



A wearable art, ou art wear, movimento surgido no final dos anos 1960, nas escolas de artes de Nova York e São Francisco, procurava emprestar um status de obra de arte às roupas, gerando peças únicas feitas à mão que não obedeciam às formas, cores e comprimentos ditados pelos criadores de moda. Não tardou para a tendência migrar para a joalheria, setor em que alguns artistas se manifestavam com a produção de colares, anéis, brincos, braceletes, adornos feitos de vidro, cerâmica, papel, madeira, resinas, metais, polímeros, tecidos, fios, botões, teclas de piano, peças de dominó etc., montados com metais nobres ou não.



Acabamento perfeito sempre foi uma fixação para a artista, que se incomodava com o fecho dos colares mais curtos. (Curiosidade: colar vem de colo, sendo o adorno feito de metais preciosos, pedras ou outros materiais, para se colocar no pescoço e enfeitar o colo.) Os longos passavam pela cabeça e dispensavam a botoamento. Já os curtos... Muitas experimentações levaram a artista a desenvolver um fecho baseado nos loops (casa de botão feita com tecidos cortados em viés e fios de seda, que lembra uma argola, muito usada em vestidos de noiva). O resultado era tão impecável que podia ficar à vista (e muita gente quis comprar a técnica).



No início de sua carreira, Maria Eudoxia Mellão começou experimentando aplicar esmalte e tintas adequadas ao cobre moldado e ao vidro para criar seus primeiros colares. “Era sempre uma surpresa o que saía do forno a 400 graus, e o resultado sempre interessante”, comenta. As peças, colares, porta-copos e outras miudezas faziam enorme sucesso, não só por terem algo de hippie, próprio da época, mas também por exibirem uma elegância diferente do que se via no artesanato de rua.

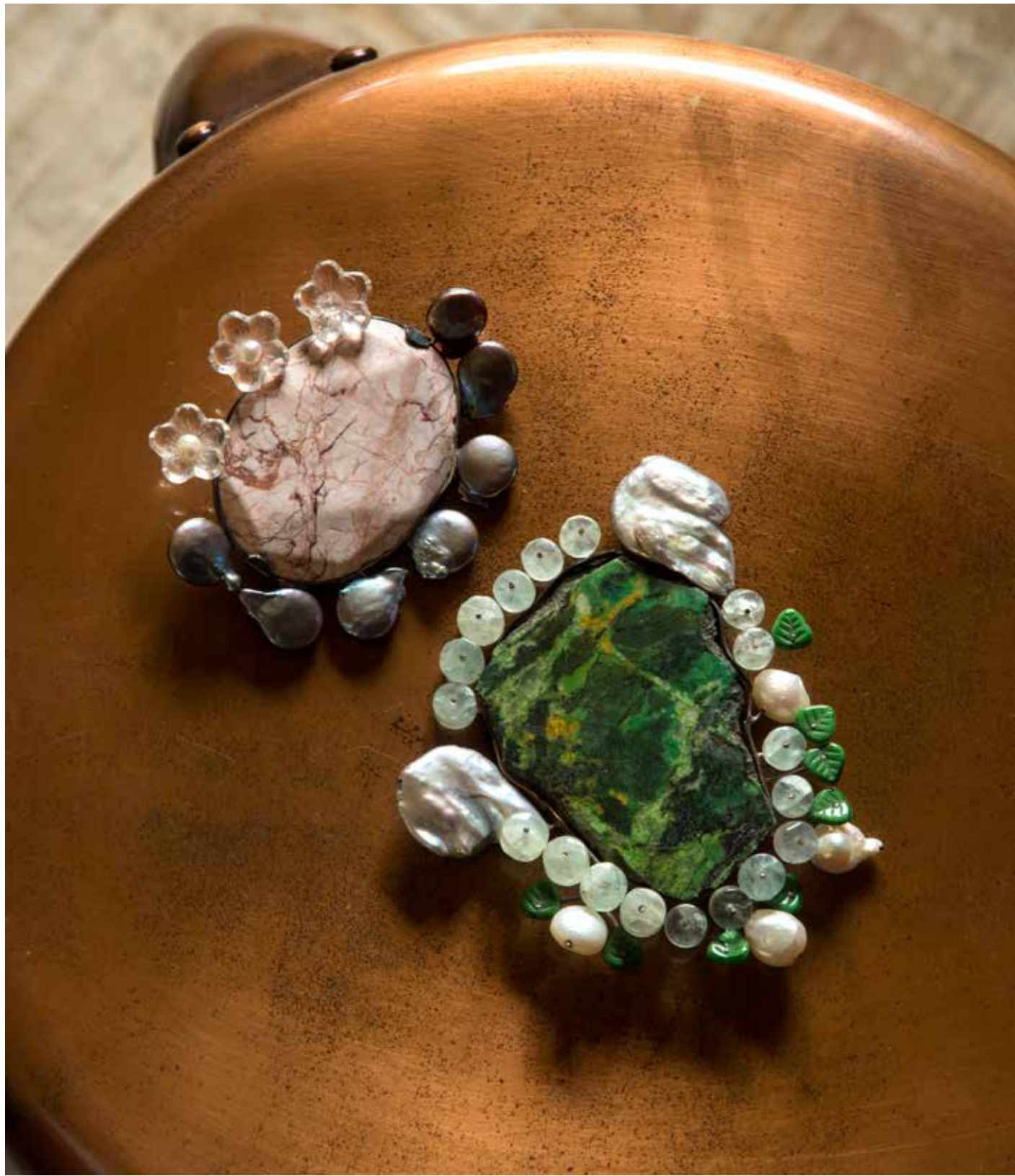
Foi o emprego de materiais nada convencionais na arte de fazer bijoux que emprestou uma nova leitura à joalheria tradicional – a qual continuou existindo, assim como suas clientes. Experimentar outras formas e efeitos incentivou uma nova geração de joalheiros a fugir do padrão “ouro e diamante” e a acreditar que uma fileira de discos de cascas de coco e sementes coloridas podia ser uma preciosidade graças à boa composição e ao design criativo de uma peça. Maria Eudoxia era uma delas. Apaixonada por tudo o que descobria na natureza – raízes, sementes, coco, ossos –, criava seus bijoux que vendiam feito água.

Havia em suas joias vestíveis algo de liberdade, a exótica possibilidade de brincar com assimetrias, e um que de provocação em uma cultura até então balizada pelo “pode não pode” subjetivo e socialmente aceito ou não. Seus colares eram confeccionados com pedras, sementes, fios de seda e o que mais houvesse, tudo junto e misturado.

No século XVIII, os chineses usavam fios de seda trançada para valorizar suas joias.

E, na Exposição Universal de 1900, em Paris, René Lalique e Georges Fouquet ou-saram aparecer com peças trabalhadas feitas de marfim, chifre e esmalte, materiais até então rejeitados pela joalheria – exemplares belíssimos, que hoje ocupam lugar de destaque no acervo de museus.





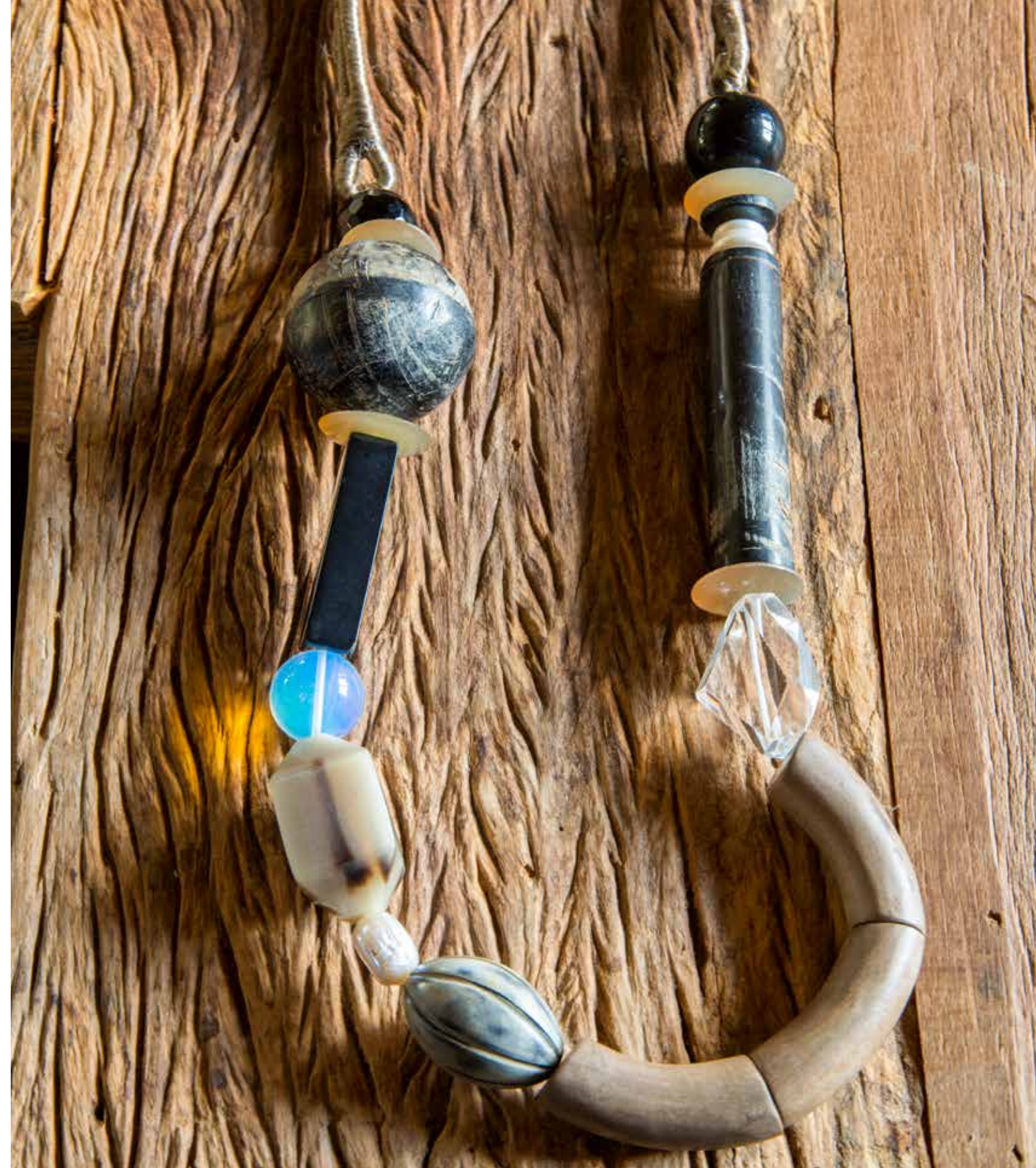
Aqueles foram anos em que o grande, o vistoso, o exagerado, o diferente e o desenho passaram a ser o must have dos descolados. Era preciso personalidade para carregar uma peça feita de osso, madeira, botões, chifre ou fios de seda no pescoço? Era. Acostumadas à delicadeza das joias tradicionais, algumas mulheres acreditavam “não segurar” uma peça daquelas. As mais ousadas achavam que nada era mais bacana para arrematar um look do que um colar de contas gigantes sobre uma t-shirt, uma camisa branca ou mesmo um colo revelado por um decote. Também era bacana combinar vários braceletes de materiais e formatos diversos, usados no mesmo braço. Os anéis pareciam esculturas, assim como os brincos, nunca antes vistos, marcados pela criatividade do design.

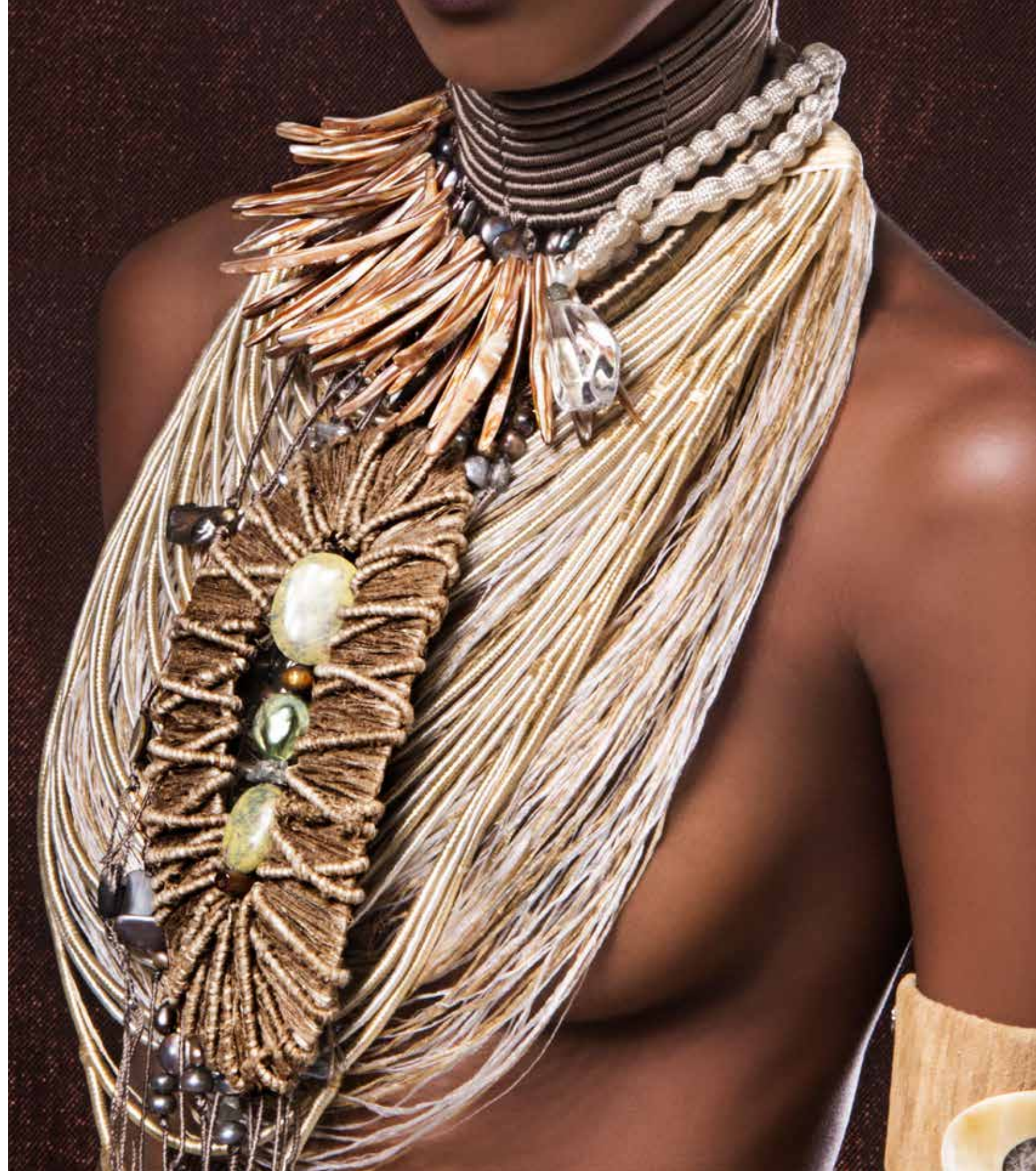
Vale lembrar que, desde março de 1964, vivíamos sob uma ditadura, que começou branda (acreditava-se que seria passageira), endureceu ao longo dos anos, perdeu o vigor na primeira metade dos anos 1980 e terminou em 1985. Vivíamos (pelo menos a grande maioria da população) à margem do mundo. Não sabíamos o que não queriam que soubéssemos; jornais, revistas, televisão eram censurados, e só o que acontecia de menos relevante no mundo chegava até nós. Os cinemas exibiam filmes com dois anos de atraso, e não eram todas as fitas que chegavam às nossas telas. Não se importavam produtos, e, pelo contrabando, chegavam, basicamente, cigarros americanos e uísque falsificado. As roupas eram feitas pelas costureiras: em 1966, Yves Saint-Laurent abriu, em Paris, a primeira loja prêt-à-porter, mas o conceito aportou por aqui apenas no começo dos anos 1970. Houve um tempo em que era obrigatório fazer um depósito compulsório para sair do país, o qual seria devolvido um ano depois, sem juros nem correção. Esses viajantes traziam na mala os mais recentes lançamentos musicais, a última moda (a tão desejada calça Lee) e contavam o que acontecia além das fronteiras brasileiras. Esse breve e superficial relato dos anos de chumbo serve, apenas, para confirmar o surgimento de uma geração que procurava sacudir a poeira da ditadura e levar algum frescor e outras propostas para a arquitetura, a moda, o design, as artes plásticas, a música etc. E lembra que aqueles que apostavam nesses novos conceitos (hoje considerados convencionais ou perdidos no tempo) eram pioneiros em suas áreas, ao pensar e fazer diferente, quebrando padrões.





Os pequenos adornos, como Maria Eudoxia chamava seus anéis e pulseiras, seguiam a proposta da artista. Poderiam ser pequenos para ela, acostumada ao macro de suas esculturas, mas não eram para a época. Pedras das mais diferentes procedências – ágatas, corais, cristais, ônix, madrepérolas, turquesas, lápis-lazúlis –, pouco polidas ou brutas, e usadas em sua forma natural, eram montadas em trançados de couro ou de fios, ou em armações de prata. A maneira como ela usava as pedras conferia uma personalidade única a cada uma daquelas pequenas esculturas.









Que desde o tempo das cavernas o ser humano gostava de se enfeitar não é nenhuma novidade. Os motivos eram vários: rituais religiosos, preparação para a guerra, pura vaidade. O que não se sabe ao certo é quando esses colares, pulseiras, anéis, brincos e broches foram usados pela primeira vez. Destes últimos, sabe-se que serviam para prender as saias usadas pelos vikings – mas e antes deles, o que se usava?

De Cleópatra à Mulher-Maravilha

Maria Eudoxia gosta de chamar de pequenas peças suas pulseiras e brincos, adornos tramados com fios das mais variadas texturas e tingidos com pigmentos naturais, o que faz com que cada item seja único em sua coloração e também possa ser considerado uma biojoia, tendência do século XXI na qual ela já apostava no século XX.

A mais remota menção aos braceletes vem do Antigo Egito, onde representavam a ressurreição. Eram usados nos dois pulsos e gravados com a figura do escaravelho, associado ao deus Khepri. Guerreiros vikings são representados usando braceletes nos dois pulsos. Nessa cultura, quanto maior a quantidade desses adornos, maior era a bravura de seu possuidor.





Na Grécia Antiga, acreditava-se que portar braceletes vermelhos e brancos do primeiro dia de março até o final do verão – que no hemisfério norte vai de junho a setembro – ajudava a proteger a pessoa do calor do Sol. Já na Bulgária, ainda hoje existe a Martenitsa, um adorno em forma de pompom feito com fios vermelhos e brancos, que as pessoas costumam dar de presente para afastar os males do inverno. A tradição manda que sejam amarrados nos pulsos ou presos à roupa, para acalmar o temperamento de Baba Marta (figura folclórica local) e assim permitir que a primavera chegue e traga saúde, amor, felicidade e fidelidade. Na Índia, o país do adorno, as bangles, pulseiras fininhas e multicoloridas, são usadas pelas mulheres para demonstrar seu status de casada. Elas em geral usam seis pulseiras e braceletes em cada braço e são três os motivos para isso: não fica bem uma mulher andar com os braços nus, os adornos sinalizam que são casadas e, quando elas estão em casa, eles servem como objeto de sedução.

Foi Coco Chanel que, em parceria com o joalheiro e duque italiano Fulco di Verdura, introduziu na moda o bracelete, batizado de Cruz de Malta. Dizia ela que o bracelete “é o acessório da moda inesquecível e invisível, que anuncia sua chegada e prolonga sua partida”. A partir de então, essa peça virou fetiche e passou a traduzir a personalidade de mulheres inspiradoras, como a escritora e ativista política inglesa Nancy Cunard, que usava a quantidade que o braço aguentasse e era conhecida por misturar peças de materiais e inspirações variadas, mas sempre enormes. Um salto no tempo leva à estilista Carolina Herrera, que fez das pulseiras fininhas sua marca registrada, usando muitas ao mesmo tempo, no melhor estilo indiano.

Até Michael Jackson lançou moda com uma pulseira vermelha, que ganhou dos fãs quando estava sendo julgado em 2005. Ele a usava como símbolo de sua inocência.

Quando se pensa em Cleópatra, a mais famosa rainha do Egito, ou na Mulher-Maravilha, super-heroína das histórias em quadrinhos, a imagem que vem à mente são os braceletes por elas usados. A primeira, por pura vaidade e por amar ouro e pedras preciosas. A segunda, por ter seus poderes ativados graças às peças feitas com restos do escudo de Zeus, seu pai, que ela usa nos dois pulsos e que lhe garantem força e proteção.

Quando levou suas bijoux para uma mostra na Itália, Maria Eudoxia achou curioso que as italianas comprassem sempre duas pulseiras iguais. O mistério foi desvendado quando ela descobriu que era comum – e chique – usar pulseiras idênticas ou bem parecidas, uma em cada braço.

Pulseiras e braceletes: qual é a diferença?

Braceletes – são adornos criados para serem usados no braço, geralmente mais largos que as pulseiras.

Pulseiras – são feitas para vestir os pulsos, logo acima das mãos.

Normalmente se mostram mais finas que os braceletes.

Com o passar do tempo, os nomes foram perdendo o significado, sendo que hoje tanto pulseiras quanto braceletes são usados no pulso e nos braços.

Uma argola e um sapatinho são assinatura da artista para seus bijoux



Passeio pelo interior





NÃO É PRECISO MUITO PARA SER MUITO.

LINA BO BARDI

Desenhar tudo é vontade. Ir além das esculturas, dos acessórios. Arriscar-se pelo universo dos objetos de decoração, mas usar os mesmos materiais naturais que trabalhava com tanta intimidade. Seria uma ousadia? Sem dúvida seria, num mundo tomado pelo aço escovado, pelo acrílico, pelo plástico, pelo industrializado, como era nos anos 1980. Mas Maria Eudoxia não desistiu e, caída de amor pela beleza das cores e texturas do interior do coco verde, fez dele a base de um abajur. Dessa experiência, surgiram outros abajures e luminárias. O desafio de encontrar os frutos de alturas e tonalidades similares para fazer com eles as bases dos abajures levou-a a ousar usar cocos como pés de uma mesa que fosse firme o bastante para estar ao lado de um sofá ou no centro de uma sala. Maria Eudoxia se desafiava buscando soluções para problemas que ela mesma criava, e não sossegava enquanto não as encontrava.

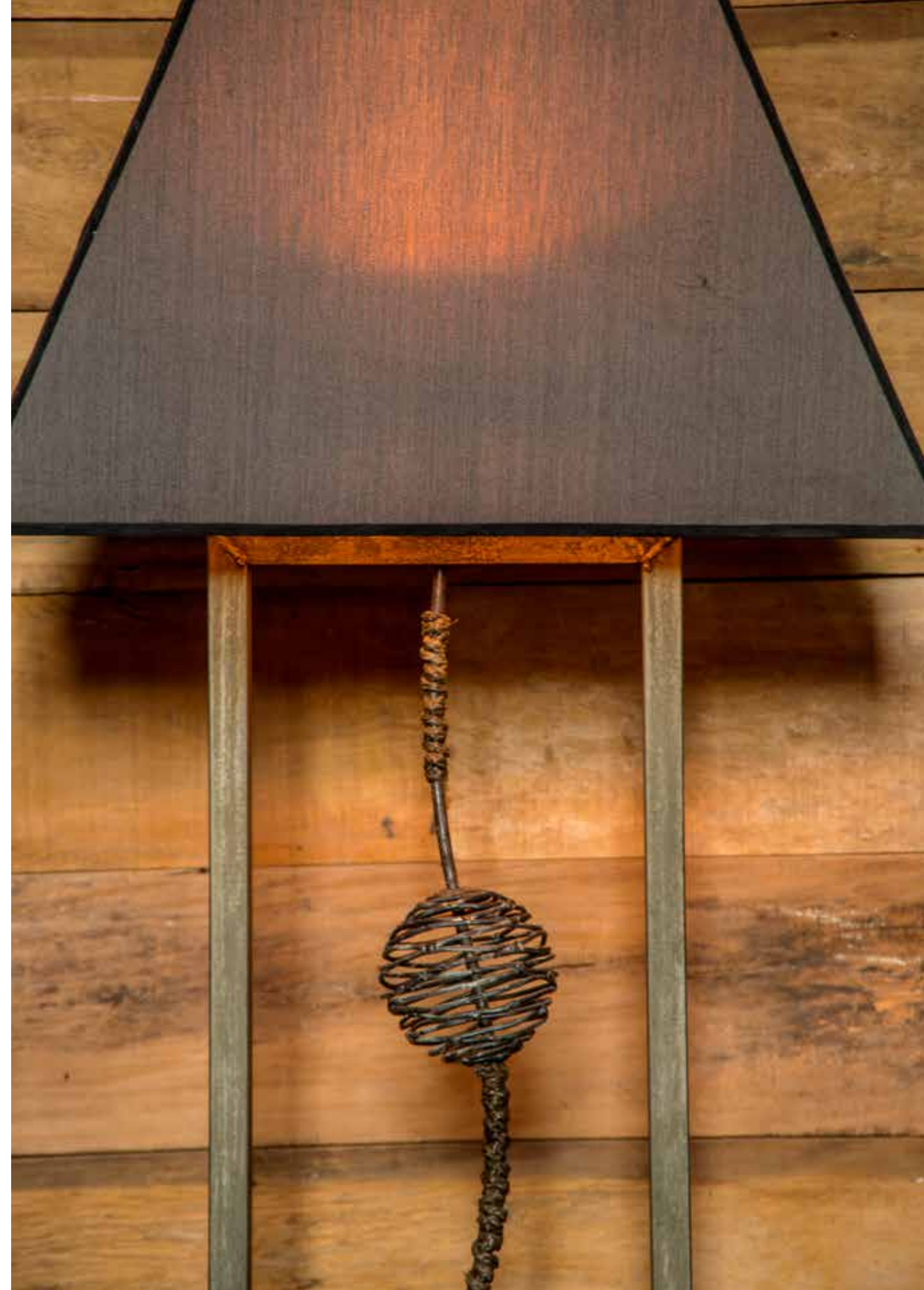
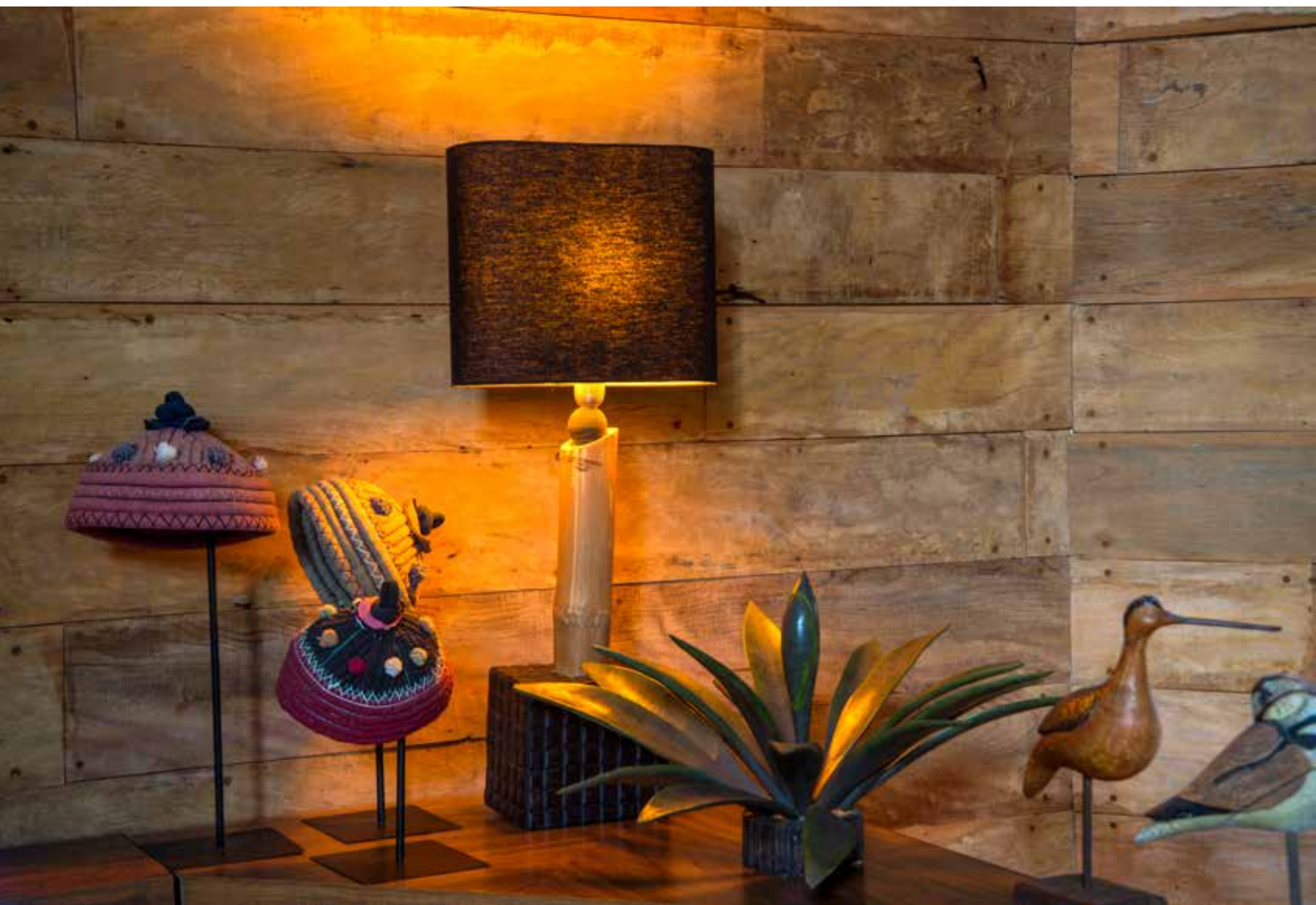




O domínio da técnica e dos efeitos que a luz é capaz de proporcionar fez com que de suas mãos saíssem várias outras peças igualmente interessantes, como a luz difusa que atravessa o xxxx da luminária que brinca com o equilíbrio de dois grandes “ovos” apoiados um sobre o outro.

Materiais despertam paixão na artista, e, assim como o simples coco a encantou, também a cativou a escama do pirarucu – que quando seca e tratada tem uma translucidez belíssima –, de modo que ela passou a aplicá-la em esculturas, em colares ou na decoração.

O abacá, também conhecido como cânhamo-de-manila, é um tipo de bananeira típica das Filipinas e do norte da Indonésia, cujas folhas fornecem uma fibra extremamente resistente. Durante muito tempo, foi usado nos cordames dos barcos. Hoje, é muito utilizado pela indústria de papel para fazer saquinhos de chá, filtros, cigarros e cédulas.





luminária inspirada na escultura **OVO**



luz difusa





do colar da luminária surgiram as bijoux



luminária feita de garrafas e cadeira trançada feita nas Filipinas

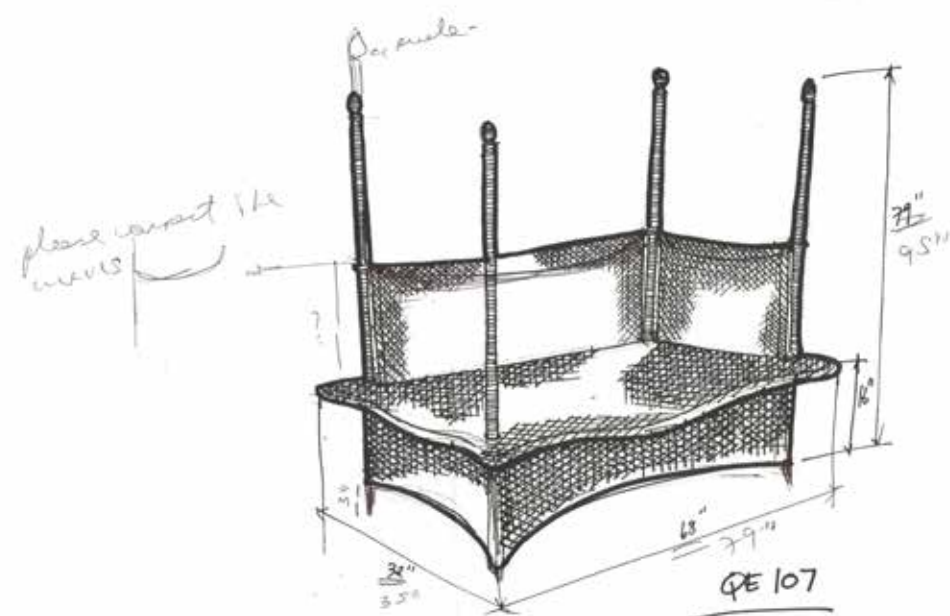


o coco tem três cores



depende da idade





Se arriscar é preciso, por que não mudar a escala desse passeio pelos interiores das casas e desenhar alguns móveis? Essa curiosidade levou Maria Eudoxia a desembarcar nas Filipinas, o paraíso do artesanato no círculo de fogo do Pacífico, um conjunto de mais de sete mil ilhas de natureza rica e com um povo dotado de uma notável habilidade para tramar e trançar. Depois de enviar seus desenhos de móveis e objetos de decoração para os filipinos e de escolher entre materiais locais como a folha do abacá, o bambu laminado e outras fibras trançáveis, a artista passou noventa dias na ilha, nos melhores ateliês, acompanhando o tramar das criações dos artistas e vendo mestres artesãos elaborarem, com mãos ágeis, o que seriam chaises-longues, mesas, cadeiras, cestas, caixas...





**DECORAR
É UMA ARTE**

Ousadas e experimentos fazem parte de sua arte de decorar desde o início de sua carreira

Se sempre foi característica de Maria Eudoxia deixar-se levar pelo fluxo de seu rio, sua vida se entrelaça como a vegetação dos manguezais – complexa, fértil e diversificada. Alguma semelhança com o mundo real? Os fatos, as obras, as decorações, as bijoux, os móveis vão surgindo simultaneamente em sua mente: ora anéis dão origem a esculturas, ora ocorre o contrário. Das contas que usava para vestir suas luminárias nasceram os colares, por exemplo.

A decoração entrou na vida da artista nos anos 1970. Um tempo em que reinavam Germano Mariutti, José Duarte de Aguiar e Silvia Kowarick, já que não existia a profissão de “decorador”, e os arquitetos recusavam-se a se preocupar com a parte interna. Essa arte ganhou importância também depois da Mostra de Decoração, que aconteceu no Masp, sob o comando do visionário Pietro Maria Bardi. Maria Eudoxia decidiu “fazer aquilo de que os arquitetos não gostavam” trabalhando direto com eles, buscando e desenvolvendo o que imaginavam para aquele espaço.



*NA REALIDADE, TRABALHA-SE COM POUCAS
CORES. O QUE DÁ A ILUSÃO
DO SEU NÚMERO É SEREM POSTAS NO SEU
JUSTO LUGAR.
PABLO PICASSO*



Seu primeiro trabalho foi com o arquiteto Marcos Tomanik. Ousado, ele projetou uma casa moderníssima, cujo interior deveria acompanhar o projeto. Maria Eudoxia aproveitou a vantagem dos cinco metros de pé-direito da sala para instalar ali uma lareira de inox com a chaminé que subia até o teto como Tomanik tinha desenhado. Seus toques surpreendiam, como quando revestiu uma parede com pele de crocodilo (na época era permitido) em lugar de papel, espalhou pelo sofá almofadas de pele, cobriu com xaxins e espelhos o muro de uma piscina para conseguir a profundidade que o terreno não tinha. Ou forrou com trepadeiras a parede interna de uma das casas. Seu maior orgulho foi o sistema de irrigação que inventou para fazer a água chegar até as plantas que ficavam no alto. Ennes Silveira Mello foia grande escola de Eudoxia. Arquiteto tinha como principal preocupação a relação homem-natureza, foi ele que tirou os telhados das casas que assinava, transformando-os em lajes verdes.



Parece banal? Muros e telhados verdes, lajes à mostra, linhas minimalistas? Experimentos dos anos 1970 e 1980, quando a criatividade pura corria solta, tempos em que todas as experimentações eram permitidas e os arquitetos tentavam imprimir uma estética brasileira em seus projetos, os quais hoje fazem parte da arquitetura contemporânea e são bandeiras nacionais e internacionais. Nossos desbravadores não trabalharam em vão. Suas ideias, algumas décadas mais tarde, estão sendo replicadas, aprimoradas.

Voando solo, Maria Eudoxia abriu seu escritório de arquitetura de interiores na Faria Lima, depois mudou-se para seu Studio In. Perguntada sobre como definiria seu estilo, respondeu: “O mix de uma vida”. Seu estilo é bastante pessoal, mas tem como marcas registradas o uso da cor, a preocupação com a iluminação, o conforto, o aconchego e muito verde. Ela nunca abandonou de vez a decoração, mesmo nos tempos em que se desdobrava para administrar as duas Mello, Mellão, a Plantation e o Studio In. Se não fosse para um cliente, seria para ela, que usava as casas onde morava quase como laboratório.





Quando se mudou para Itaipé da Serra, num terreno cercado por um pedaço de Mata Atlântica que ela preservou com todo amor, construiu uma moradia em parceria com o arquiteto Renato Marques, completamente diferente do convencional. A proposta era ser simples, confortável, sem perder a elegância e o bom gosto, o que Renato soube traduzir com maestria. O projeto foi pensado em função das árvores, para que nenhuma delas tivesse de ser derrubada – tudo que a decoradora desejava. O resultado ficou incrível. No interior, o mix da vida de Maria Eudoxia, interpretado por cores e mais cores, janelões de vidro que deixavam o verde entrar, sofás gostosos de sentar e uma exposição de suas obras de arte. Morar longe da loucura de São Paulo parecia uma boa solução para ela, que acabou levando seu ateliê para Itaipé, onde trabalhava cercada por fios de seda, caules de plantas, cipós, conchas e outras peças que poderiam aparecer em suas criações. Era nesse ateliê que ela expunha sua produção, e nenhum de seus compradores jamais reclamou da distância. Todos ficavam encantados com a beleza do lugar e da casa e passavam horas agradáveis conversando e degustando quitutes.

A escultura Diálogos dos Cipós faz o papel de cortina separando ambientes





De volta a São Paulo, Maria Eudoxia se encarapita em um belo apartamento no alto de um edifício no bairro dos Jardins, com varanda que mais parece um jardim com vista para a cidade. O décor segue seu estilo, deixando conviver lado a lado a sala de estar, o bar-mesa de jantar e o escritório onde trabalha, com a assistência de Celia, a escudeira e amiga de todas as horas, e do filho dela, Julio. Nos finais de semana, ela foge para sua casa no interior, uma joia incrustada num terreno grande o suficiente para abrigar a casa, a piscina, uma horta e um pomar.

Esse refúgio é a junção de dois projetos. Ela manteve as características básicas da casa velha, porém imprimindo um look de casa nova, e construiu duas alas que ladeiam um jardimzinho interno, com muita vegetação, um laguinho com carpas e água corrente com aquele barulhinho que acalma e remete aos jardins japoneses, terminando na piscina com vista para o pomar. Em um canto do jardim, um quiosque pensado para o café da manhã ao ar livre ou um pátio para um jantar romântico.

um laguinho com carpas e água corrente com
aquele barulhinho que acalma





paz e tranquilidade

Cada uma dessas alas tem uma função. À esquerda de quem sai da casa antiga que foi transformada em cabana, ficam o quarto da anfitriã e o de hóspedes, sendo que o dela também tem um escritório. Roubando um pedaço da antiga casa, mais dois quartos de hóspedes, cada um com sua varandinha. Na outra ala, a sala de inverno, com mesa de jogo, mais uma cozinha e o lavabo, pintada roxo e vermelho dá para um jardim vertical O resultado? Um show.



a cozinha gourmet, paixão desde os anos 1970

Uma das curiosidades da casa do interior são as três cozinhas, cada uma com sua função. A da casa velha (onde ficam outras salas e a confortabilíssima sala de TV e cinema com chaises que reclinam) funciona para atender o dia-a-dia; a cozinha de inverno fica na ala da direita, de onde se assiste a um dos mais belos pores de sol; e a cozinha velha, preparada com forno de pizza e fogão a lenha, leva Eudoxia de volta ao passado, à cozinha da fazenda de sua avó, onde se faziam os doces, linguiças e outras delícias.

Outro toque especial são as mesas de almoço e jantar espalhadas pela casa, pelo terraço, pelo jardim. Cada uma com uma proposta diferente. Maria Eudoxia gosta de montar cantos gostosos, criar cenas que surpreendam: como o café da manhã servido no quiosque, o almoço na varanda e o jantar dentro de casa. Nas refeições, as mesas são montadas com graça e bom gosto: louças, pratos, toalhas, jogos americanos, porta-guardanapos, centros de mesa feitos com folhas dos legumes colhidos na horta, além da graça de ter um vasinho individual com flores do jardim na frente de cada lugar.



e a cozinha velha, preparada com forno de pizza e fogão a lenha



The image shows a rustic interior space, likely a kitchen and dining area. In the foreground, a long, thick wooden table is set with several light-colored, curved chairs. On the table, there is a large, green, spiky decorative object. To the right, a red kitchen island or counter is visible, with various kitchen items on it. Above the counter, there are shelves displaying plates and books. A large window in the background provides a view of greenery outside. The overall atmosphere is warm and rustic.

a cozinha de inverno
fica na ala da direita,
de onde se assiste a um
dos mais belos pores de sol

Explicado o projeto, é hora de falar das cores, do conforto, do verde. Aqui, ela conseguiu usar vários tons de azul, laranja, mostarda, terracota, pimentão, lado a lado, e a mistura deu mais do que certo. Para chegar ao tom que queria – quando fez a casa, ainda não existiam as máquinas de misturar cores, nem pantones, nem variedade de cores prontas, era no olho e na habilidade do pintor –, na casa da foto o desafio foi a composição de várias cores que se integrassem para que cada ambiente tivesse sua identidade. A questão das cores é bastante delicada, uma vez que os tons se alteram de acordo com a luminosidade do dia ou da noite. “Com amostras maiores eu testava três vezes ao dia, seguindo as mudanças do sol, para ver se seria realmente aquele tom ou cor”, conta ela que optou por tons secos, que abraçam quem está no espaço. E nem o teto escapa: o branco é quebrado por um verde muito sutil que envolve os ambientes. O verde, não das cores, mas das plantas, aparece em trepadeiras que sobem pelas pilastras e se enroscam no teto, soltando fios longos que alcançam o chão, árvores frutíferas plantadas em vasos, palmeirinhas e mais uma dezena de tipos de vegetação. Descendo para o jardim, árvores frutíferas chamam os passarinhos e são usadas para as compotas e geleias feitas em casa. Da horta, saem as verduras fresquinhas que são servidas nas refeições e os temperos que dão um toque especial para a culinária de Maria Eudoxia. (Sim!, ela cozinha, e muito bem!)



horta e jardim são duas paixões



Sim!, ela
cozinha,
e muito
bem!
Tanto
que, nos
anos 1970
levou a
primeira
mesa
com
fogão no
centro
para
dentro
de sua
casa
centro para
dentro
de sua
loja
Mello
Mellão.

